



Não tragais borzeguis pretos

Cancioneiro de Paris, nº 132.

(1490 - 1550 ca.)

Anónimo

Soprano

Alto

Tenor

Não tra - gais, não tra - gais bor - ze - guis pre - tos, que na cor - te são de -
ve - rem - vos, ve - rem - vos an - dar a - ce - so, o - ra'em cui - da - dos se -

Fim

7

fe - sos. o - ra com bor - ze - guis pre - tos! Não tra - gais, não tra - gais o qu'é de -
cre - tos, an - da sem - pre'an - da sem - pre'a - ven - tu -

8

fe - sos. o - ra com bor - ze - guis pre - tos! Não tra - gais, não tra - gais o qu'é de -
cre - tos, an - da sem - pre'an - da sem - pre'a - ven - tu -

D.C. ao Fim

14

fe - so, por - que quem trae o ve - da - do,
ra - do, a ser a - ve - xa - do'e pre - so.

fe - so, por - que quem trae o ve - da - do,
ra - do, a ser a - ve - xa - do'e pre - so.

fe - so, por - que quem trae o ve - da - do,
ra - do, a ser a - ve - xa - do'e pre - so.

Não tragais borzeguis pretos,
que na corte são defesos.
ora com borzeguis pretos!

Não tragais o qu'é defeso,
porque quem trae o vedado,
anda sempre aventurado,
a ser avexado e preso.
verem-vos andar aceso,
ora em cuidados secretos,
ora com borzeguis pretos!

E se saber a razão
deste meu trago quereis:
a cor que trago nos pés
me deu do coração.
porque os meus cuidados,
acesos e mais secretos,
e na má ventura pretos!